

ANNO I

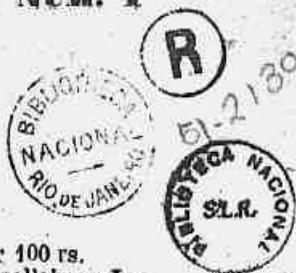
O PÃO

NUM. 1

... da Padaria Espiritual

Numero avulso 60 rs.
Não se aceitam assignaturas.

Numero anterior 100 rs.
Não se aceita collaboraço.



O PÃO

Fortaleza, 10 de Julho de 1892

O leitor conhece os estatutos da *Padaria Espiritual*?

Naturalmente.

Então, já devia estar á espera do jornal que prometeu crear, com o nome de *O Pão*.

Eil-o, com a mesma somma de direito com que os outros seus collegas percorrem profusamente o mundo inteiro

O seu programma é muito simples: transmittir ao leitor com a maior exactidão o que sente e o que pensa a *Padaria Espiritual* sobre tudo e sobre todos.

Não obedece absolutamente a sugestões estranhas, nem tão pouco toma a si o compromisso de agradar; em compensação, de modo algum ameaça hostilizar.

Promette apenas uma cousa: dizer sempre a verdade, doa esta em quem doer.

Não promete ser eterno; deseja, porém, viver o mais que for possível.

Por conveniencia economica de tempo e dinheiro, somente aos domingos se publicará *O Pão*.

E' escusado, portanto, observar que não podemos absolutamente dispensar o seu auxilio, comprando por 60 réis um n.º de cada edição.

PELO PRADO

Vão em muito bom caminho os preparativos para a proxima inauguração do Prado Cearense.

Entre os animaes que se acham inscriptos alguns têm-se revelado excellentes corredores, faltando-lhes apenas a presteza em sahir a tempo e a docilidade de rédea para adaptarem-se á curva da raia.

Uma multidão alegre e variegada afflue pará ali nos domingos á tarde afim de assistir aos cotejos e corridas de experiencia, nas quaes alguns rapazes têm feito proezas de equitação.

Já apparecem bonitos vestidos de onde emergem rostosinhos encantadores que espiam curiosos para a raia do alto da balaustrada do Pavilhão.

Pensamos que este divertimento predilecto das grandes cidades vai ter entre nós o maior incremento e cahirá gostosamente no gôto de nosso povo, que, antes de ter noticia dos prados de Paris, de Londres e do Rio de Janeiro, já fazia as boas *cavalladas* de que os velhos nos falam com saudade.

Em nossa proxima edição falaremos minuciosamente a respeito do Prado, dando o numero dos animaes inscriptos, seus nomes, seus donos etc.

Tu não tens conhecimento
De cousas de sugestão,
Mas sabes meu pensamento
Quando eu pego em tua mão....

M.

BOLACHINHAS

Leitoras, o pão (jornal)
Que está na ordem do dia,
Vae ter uma freguesia
Enorme, na capital.

Com tudo, a população
Pode na terra viver,
Porem passar sem comer...
Leitoras, isto é que não !

Por isto é que o nosso pão
Sendo tão extr'ordinario,
E' hoje o mais necessario
A' toda a população...

Pão—é vida ; pão—é goso
Pão—é germen da alegria,
E' fructo mysterioso
Da árvore da sympathia.

Pois é com pão (salvo seja)
Meninas, com que se faz,
A hostia com que na igreja
Dos peccados vos... limpaes !

Trabalhai, pois, pelo pão,
Queridas leitoras minhas,
Que eu vos dou as Bolachinhas;
A cinco... por um tustão ;
Prestai auxilio e razão,
A' nossa aggremação
Ao nosso grande ideal ;
Que no fim desta campanha,
Podemos, a vosso lado,
Vos mostrar o resultado
Da massa... espiritual !

POLYCARPO ESTOURO.

Dialogo entre um Padeiro e uma moça :

—Qual é o preço d'O Pão?

—60 reis, minha senhora.

—Oh ! E' muito caro ! Pois não vê logo que não dou meus tres vintens pel'O Pão ?

—Ah ! E' porque V. Exc. não tem ...fome !

POR QUEM SÃO !....

Muito amavel recepção teve a *Padaria Espiritual* por parte dos collegas d'A *Republica*, do *Diario*, do *Ope-rario* e do *Silva Jardim*, que fez uma delicada e espirituosa critica ao nosso programma.

Clovis Bevilaqua teve a gentileza de dirigir-nos a seguinte carta :

Cidadão MOACYR JUREMA

Agradeço-lhe cordialmente a remessa dos estatutos da *Padaria Espiritual* e affirmo-lhe que estou prompto a concorrer para o desenvolvimento dessa intelligente associação, cujo nascimento annuncia as phosphorescencias de um espirito fino e causticante.

Brevemente farei a remessa das obras e folhetos que tenho publicado.

Do P. e amigo

CLOVIS BEVILAQUA

D'A *Provincia* do Recife :

Recebi hontem dous officios: um do Exm.º Sr. Governador do Estado, communicando-me haver nomeado diversos cavalleiros" para auxiliarem a comissão nomeada em 2 de Setembro findo para animar e preparar cidadãos deste Estado a concorrerem com objectos e artefactos que figurem na exposição *The World's Columbian Exposition*" e outro de Moacyr Jurema, 1.º Secretario da *Padaria Espiritual*, pedindo-me para que secunde aquella aggremação "moral e materialmente, recommendando-a em todos os circulos de minhas relações".

Quanto a Moacyr Jurema, o que mais posso fazer em beneficio da *Padaria Espiritual* do que aqui transcrever na integra todos os artigos dos seus Estatutos ?

(Segue-se a transcrição do programma de instalação da Padaria.)

Eis uma sociedade, em que debalde se procuraria um simples figurante da vida.

Todos os membros, da *Padaria Espiritual* tem espirito, espirito fino, bom, affectuoso, que faz cocegas e provoca risos, sem maltratar, sem vilipendiar, mesmo o que é banal e chato.

Em todo o programma, traçado com tanta *véve* e tanto *humour*, noto apenas uma falta: tirarem os *padeiros* o chapéu da cabeça sempre que se falla em Homero, Shakspeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar, e não se descobrirem diante das figuras magestosas de Cervantes, Rabelais, João Paulo e Sterne!

O respeito a estes semi-deuses da comedia humana se impõe uma lei áquelles que possuem em alta dose o sentimento da proporcionalidade e da harmonia das cousas por entre as mesquinhas e monstruosidades, os desconchavos e os ridiculos do mundo.

ARTHUR ORLANDO

PADARIA ESPIRITUAL

Juntamente com o programma de instalação desta *Padaria* recebemos hontem a seguinte circular que passamos aos nossos leitores:

(Segue-se a circular).

(Do *Figaro*)

ESCOLAS

Nosso collega que exerce as funções de *Olho da Providencia* anda verificando o estado das escolas publicas, das quaes nos occuparemos nestas columnas logo que elle termine as suas observações.

Parece que ha actualmente nesta capital mais escolas do que meninos...

Veremos o que *hai*

BILHETE POSTAL

Não te venho escrever; apenas venho dizer-te que vou bem, querida amiga; como posso escrever-te se não tenho uma só novidade que te diga?

Como posso fazer-te um bom desenho de alguma cousa que não seja antiga, se a minha musa traz o seu ingenho cheio de tédio e cheio de fadiga?

Ando na espinha... Cá no meu bestunto em vão procuro a sombra de um assumpto que deixe a minha intelligencia farta...

Mas neste tédio em que hoje vivo imerso, não tenho idéa p'ra fazer um verso nem tenho phrases p'ra uma leve carta.

SATYRO ALEGRETE

Ceará, 92.

Authentico:

Uma destas manhãs chega á porta da *Padaria Espiritual* um molecote com uma cesta enfiada no braço.

—Que quer? pergunta-lhe um *Padeiro*.

—*Sá* dona M... dixe que mandasse meia pataca de pão.

Nosso collega soltou uma formidável gargalhada e chamou a troça, que ria a bandeiras despregadas.

E como o moleque parecesse escandalizado:

—Menino, diga a sua patroa que só ha *Pão* aos domingos.

Sertaneja, se em teu rosto
Eu podesse dar um beijo,
Talvez que sentisse o gosto
De mel de inchuhy com queijo....

M.

NAUFRAGO !

Eis-me naufrago e só na vastidão
Da praia desolada,
Aonde o mar—indomito leão
Esmaga a onda fria e angustiada.

Eis-me naufrago e só ! Aspero e frio
Corta-me o vento os hombros !
E o firmamento triste, ermo e sombrio
Tem a mudez inerte dos assombros.

Eis-me naufrago e só ! Como um lamento
Que sahe da escuridão de um subterraneo,
Vem-me nas azis tremulas do vento
O grito surdo, funebre, titaneo,
Que o mar solta do peito truculento
É a alma nos corta, agudo e subitaneo,
Como um flecha o asul do firmamento.

Eis-me naufrago e só ! A alma inda preza
Tonta da lucta, tremula,
De angustia chora, se ajoelha e reza !
E a onda—alma do mar, da nossa emula
Vemol-a forte rugitar e vemol-a
Morrer na praia, onde o silencio péza.

Eis-me naufrago e só, triste, cansado,
Meditativo absorto !
Meu coração no peito angustiado
Precisa de carinho e de conforto !

Eis-me naufrago e só ! A ave que passa
Riscando o asul purissimo do céu
E sente as asas subito quebradas
Pela bala certa da Desgraça,
Talvez não sinta tanto como eu !

Eis-me naufrago e só ! Oh ! minha irmã,
Meu derradeiro altar immaculado !
Choro por ti á luz desta manhã;
E o pranto quente, doloroso, brando
E' o amor que da alma me rebenta quando
O coração estorce-se maguado !

Oh ! minha mãe ! Que soffrimento infinito
Quanta angustia cruel pezar e dó,
Sinto ao saber que tu me esperas rindo,
Sem presentir que estive succumbindo....

Eis-me naufrago e só !

Praia da Periquara, 29 de Junho—92

LUCAS BIZARRO

BIBLIOTECHECA PUBLICA

Concitemos o cidadão Governador do Estado a dar execução á petição que lhe dirigimos a respeito do horario da Bibliotheca Publica.

Este estabelecimento abre-se ás 10 horas da manhã e fecha-se ás 3 da tarde, como qualquer outra repartição.

Quem escreve estas linhas nunca transpoz o humbral da Bibliotheca, apesar do grande desejo e necessidade que tem de fazel-o, porque está aferrado ás suas obrigações justamente ao tempo em que está ella aberta ao publico.

Vamos, cidadão Governador, seja rasoavel, faça isto : mande abrir a Bibliotheca das 7 ás 9 da manhã e das 6 ás 9 da noute, e garantimos que ella será frequentada por muita gente que, á falta de occupação melhor, vai jogar bilhar na Maison e dominó no Java.

Faça o nosso pedido ; sim ?

O FRIO

Lá fôra a chuva tico, tico,
Desde seis horas a pingar ;
Pucho o lençol, a perna estico...
Que frio ! Ai ! Ai ! Si eu fosse rico....
Que tempo bom para casar !...

M.

FAMILIA SAUNDER

Em beneficio da familia Saunder, cujo operoso e estimavel chefe, pereceu no naufragio do *Alcantara*, dá hoje a sociedade dramatica União Militar um espectáculo no theatro de S. Luiz.

Um gracioso grupo de senhoras encarregou-se da passar os ingressos.

Aos distinctos rapazes da União Militar enviamos um hurrah unisono e entusiastico por esta generosa lembrança que vai levar um lenitivo aos soffrimentos da pobre familia estrangeira.

A RAMPA

A Rampa, a legendaria Rampa, de londrina e obscena memoria, está sendo calçada e illuminada.

Si aquelle muro preto do Gasometro falasse, certo teria que contar cousas pavorosas, historias nefandas, dignas de figurar nas paginas da *Pall Mall Gazette*.

A Rampa era a Rocha Tarpéa da prostituição ao pé da Avenida, que é o Capitolio da honestidade.

E desta para aquella só ia um passo....

Era tão facil rolar pelo sorvedouro abaixo !

Em cima a Avenida alagada de luz e sonorizada de musica, deixava-se calcar pelos pésinhos ageis das virgens cearenses, que iam e vinham numa garulice de aves novas ; embaixo o vicio sórdido florescendo na lama illusoria da treva....

A gente sentia-se impressionado ante aquelle boqueirão de treva, mysterioso e lugubre, aberto sobre o mar negro, que rugia como um leão no cio, estorcendo-se sobre o leito macio, fôfo e convidativo das areias brancas da praia.....

Mas a Civilisação vai accender ali os olhos dos combustores e.....era uma vez a Rampa.

A Sr.^a Camara Municipal queira receber os nossos cumprimentos.

— — —
Este nosso bem querer
E' tão isento de mal,
Que nós podemos viver
Numa casa de crystal !

M.

— — —
Na Avenida :

— Já viste o Mardock sem bigode ?
— Não. Pois elle raspou o bigode ? !
— Raspou. E está horrivel : parece o padre Guerra... á paisana,

MALACACHETAS

I

Ha pela casa um torpor
Que adormenta e que enfastia ;
Vem da cosinha um rumor
De caçarola que chia.

Na sala, uma moça esguia
Recorta papeis de côr,
Fazendo uma ninharia ;
Dorme um cão no corredor.

Na sua estreita gaiola
Canta alegremente um gola,
Na quenga tomando banho...

E embaixo um nédio gatinho
Olha para o passarinho
Como quem diz: — Si eu te apanho !....

MOACYR JUREMA.

ALMANACK DO CEARÁ

Em Outubro proximo entrará para o prélo um almanack do Ceará, organizado sob nossa direcção.

O almanack dará o retrato e traços biographicos de algumas notabilidades cearenses e trará prosa e verso, descrições de curiosidades naturaes do Estado, lendas, superstições, episodios, anedoctas, emfim o diabo a quatro, tudo com a maior somma de espirito possivel.

Temos esperança de que o almanack será uma cousa no mesmo tempo util e desopillante.

Brevemente distribuiremos prospectos para assignaturas e estipularemos as condições para a publicação de annuncios, para os quaes haverá paginas especiaes intercaladas.

SABBATINA

9 DE JULHO

Longos, intermináveis e modorrentos os sete dias ultimos.

Consulto o meu secreto e muito querido canhenho de chronista provincial e quasi nada encontro nelle digno de figurar nas adoraveis columnas d'O Pão, a não ser o lamentavel caso do vapor *Alcantara* que um descuido verdadeiramente fatal e criminoso arremessou ás inhospitas praias de Piriquara.

E não está ahi, nesse facto talvez excepcional, toda uma chronica vibrante de oportunidade e interesse? Não está ahi uma tragedia inteira, um poema de lagrimas e agonias lancinantes?

Como não? O naufragio do *Alcantara* offerece abundante materia para numerosos commentarios e para uma seriissima discussão no correr da qual os contendores provassem á evidencia a nossa proverbial indifferença pelas cousas mais graves.

Excellent assumpto, na verdade, mais proprio, porem, para um libello ou para um circumspecto artigo de imprensa diaria, do que para uma chronica hebdomadaria, leve, diaphana, onde cada phrase deve encerrar um conceito finamente chistoso e inoffensivo, uma chronica como devia ser esta que me propuz a escrever, cheia de humorismos bons e tonificantes, alguma cousa semelhante a uma pagina alegre de Jules Janin ou de França Junior, que a gente pudesse saborear aos domingos, antes do almoço e depois do café matinal, de volta do banho, pelle fresca cheirando a sabonete inglez, espirito despreoccupado das cousas pesadas e graves; uma chronica, emfim, escripta ao correr da penna, sem pedantescos sermões doutrinaes.

Isto, porem, que me vai sahindo da penna (não me refiro á tinta, bem se vê) não é propriamente uma chronica obrigada a relatar com a mais rigorosa exactidão todos os factos da semana,

inclusive as chuvas, os eclipses, o calor e o frio....

Quando me propuz a escrever a *Sabbatina*, tracei de antemão o seguinte conciso programma, de mim para mim: Dizer a verdade sem offender ao proximo, escolhendo de preferencia os acontecimentos mais importantes da ultima semana.

Ahi tem o leitor.

Nestas condições, nada mais natural, nada mais acertado mesmo do que eu estrear com um naufragio, facto communissimo entre escriptores que escream.

* *

Francamente, não sei qual mais culpado: si o commandante do *Alcantara*, que levantou ferro sem immediato ou piloto a bordo, si a Agencia da Companhia Marenhense, que consentio em sahir o navio nessas condições. Porque de duas uma: ou o commandante, deixando o porto sem immediato, dispunha-se a velar dias e noites de frente da bussola, e neste caso seria o unico responsavel por qualquer accidente, ou então, compenetrado da enorme responsabilidade que lhe pesava, devia recusar-se a fazer a viagem em taes difficuldades, sem a) menos levar comsigo um auxiliar habilitado e pratico.

Ora, nenhuma das hypotheses agra, dou ao commandante do *Alcantara* preferio seguir só com o seu tedio e entregar a direcção do navio ao marinheiro estrabico que atirou-o ás pedras.

Por outro lado a Agencia não devia ter consentido em sahir o vapor sob a unica e exclusiva responsabilidade do commandante.

Ambos, portanto, commandante e Agencia, devem responder perante a justiça.

Ainda outra culpa, quicá mais grave, recahe directamente sobre o commandante do *Alcantara*, e é ter elle, no momento de maior perigo, abandonado

o navio quando deveria ser o ultimo a fazel-o.

Nenhuma razão, absolutamente nenhuma, pode justificar tão insolito procedimento, pois é principio corrente em direito marítimo que o capitão ou commandante é o ultimo a deixar o navio nas conjuncturas do *Alcantara*.

*
**

Profundamente commovedores e lamentaveis os pormenores da catastrophe.

Enquanto alguém que devia achar-se a bordo consolando os afflictos e dirigindo a manobra assistia de terra, desassombradamente, cachimbando talvez, a immersão lenta do vapor que se espedaçava a golpes de mar, sob o sudario chrystalino das vagas, tres corpos humanos, arrastados pela correnteza, exhalavam o ultimo alento de vida: o engenheiro Saunders, a viuva D. Maria José e o pobre moço Alvaro Franca.

Quem deve responder por essas vidas? O commandante, somente elle, que descansava tranquillo sobre as areias da praia, indifferente á agonia despedaçadora dos naufragos.

Coração de hyena!...

*
**

Logo que a *Padaria Espiritual* teve conhecimento de que seguira no *Alcantara* o *padeiro Lucas Bizarro*, vulgarmente apellidado Livio Barretto, deu-se pressa em tomar as necessarias providencias afim de que o nosso confrade, caso escapasse á morte, fizesse uma entrada triumphante nesta Capital.

Pobre *Lucas*! Não fosse a protecção d'uma gentilissima ondina que o tomou nos braços e a estas horas o nosso *Lucas* estaria no ventre d'algum camurupim de longas barbatanas, d'algum cetaceo igual ao que conservou o legendario Jonas no bucho por espaço de tres dias.

Elle, porem, o *Lucas*, desceu lá

baixo ao reino encantado das perolas e dos coraes e trouxe-nos, dentro d'uma concha nacarada uma joia esplendida que elle guarda e acata como uma verdadeira reliquia sagrada; refiro-me á poesia *Naufrago*! ultima producção do *Lucas*, uma perola de inestimavel preço hoje cravejada n'O *Pão* como prova de nosso bom gosto artistico.

FELIX GUANABARINO.



Cumulos:

De pericia de um oculista—extrahir as cataractas... do céu;

De paixão pelo fumo—por no cachimbo o fumo... do chapéu.

M.

CONFEITOS

I

Alfredo conhecia desde muito a Celina, um desses raros typos de loura, de olhos azues contemplativos, bocca, em botão de papoula, ar um tanto grave adquirido num collegio de irmãs de caridade, onde estivera até moça feita.

Alfredo começou a cumprimentar Celina não sei porque motivo: creio que depois de ter-lhe apanhado no Pas-seio o leque, que cahira.

Nosso amigo trabalhava incessantemente para chegar á fala com Celina, alvo para onde convergiam todos os seus sonhos de moço, todas as suas esperanças no futuro.

Mas não havia meio. A menina quasi nunca apparecia nos salões e não tinha um irmão nem um parente qualquer que servisse de escada para elle chegar até ella.

Alfredo contentava-se em fazer-lhe sonetos muito vagos e discretos, sem as iniciaes della depois da epigraphe, assignados somente com duas estrellinhas.

Um bello dia Alfredo foi convidado para uma festa em casa de seu amigo Julio Gomes, que havia chegado do Recife, bacharelado em direito.

Dançava-se a primeira valsa quando Alfredo entrou.

Celina lá estava—por signal que valsaava com o Julio.

Emfim Alfredo encontrava-a !

Finda a valsa, tratou-se de organizar a quadrilha.

—Oh Julio queres arranjar-me um par ? disse Alfredo.

—Pois não. Vais dançar com a minha noiva.

E enfiando o braço no braço do Alfredo parou diante de Celina, dizendo-lhe :

—Celina, dança esta quadrilha com meu amigo Alfredo.

.....

Finda a quadrilha, que lhe pareceu mais comprida do que um discurso comprido, o rapaz fez sentar seu par, tomou o chapéu e escapoliu-se furtivamente.

Pobre Alfredo !

MOACYR.

COMPANHIA DE ZARZUELAS

Não pedimos alviçaras aos nossos leitores porque nosso collega d'A *Republica* já andou adiantado.

Em todo caso damos-lhes parabens pela proxima vinda da Companhia de Zarzuelas, que actualmente trabalha no Maranhão.

A acreditar, como acreditamos, nos elogios da imprensa maranhense, a companhia está no caso de agradar ao nosso publico, que, coitado, já perdeu de memoria a ultima temporada lyrica que a sorte lhe proporcion u.

Que venha a companhia de Zarzuelas ! Mas que venha logo, pois estamos aqui num pé e noutro..

ERNANI CLUB

Deliciosa a festa do Ernani Club realisada esta noute nos salões do Club Iracema.

Gentilmente convidados pela respectiva Directoria, lá estivemos, inundando-nos de olhares tepidos e fulgurantes, ouvindo vozes cariciosas, sentindo o contacto de mãos macias como arminho, embriagando-nos emfim dos effluvios que jorram da alma da mocidade como o aroma de um botão que desabrocha...

Rapazes do Ernani Club, toquem !

Tamanho calor me invade
Si o teu olhar me dardeja
Que ao vel-o tenho vontade
De tomar banho... de Egreja

M.

BIBLIOTECA DA PADARIA

Numerosos e valiosos presentes de livros e revistas temos recebido para a nossa Bibliotheca.

Entre os amaveis offertantes contam-se diversas senhoras, que assim exprimem sua preciosa sympathia pela nossa aggremação.

Incitamos nossos leitores a seguir tão bom exemplo, e promettemos que logo que esteja no caso, nossa Bibliotheca será franqueada ao publico.

Mandem-nos livros, do contrario somos obrigados a usar de certos meios de que falam nossos estatutos...

Livros que saiam !

O PÃO

Pedimos desculpa aos nossos leitores si este numero d'O Pão não sahe tão nitido, queremos dizer tão bem amassado e assado como desejavamos.

No proximo numero introduziremos, algumas reformas que tornarão O Pão mais grato delicado paladar do publico.

Typ. d'O Operario.